

DOCÊNCIA EMPREENDEDORA

PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Dilma Vana Rousseff
MINISTRO DA EDUCAÇÃO: Aloizio Mercadante

SISTEMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
DIRETOR DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA COORDENAÇÃO DE
APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES:
João Carlos Teatini de Souza Clímaco

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE
UNICENTRO**

REITOR: Aldo Nelson Bona
VICE-REITOR: Osmar Ambrósio de Souza
DIRETOR DO CAMPUS SANTA CRUZ: Ademir Juracy Fanfa Ribas
VICE-DIRETOR DO CAMPUS SANTA CRUZ: Darlan Faccin Weide
PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP: Marcos Ventura Faria
COORDENADORA NEAD/UAB/UNICENTRO: Maria Aparecida Crissi Knüppel
COORDENADORA ADJUNTA NEAD/UAB/UNICENTRO: Jamile Santinello

SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

DIRETOR: Carlos Alberto Marçal Gonzaga
VICE-DIRETORA: Elieti Fátima de Gouveia

CHEFIA DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO/IRATI

CHEFE: Laura Rinaldi de Quadros
VICE-CHEFE: Mauricio João Atamanczuk

**COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
FORMAÇÃO EMPREENDEDORA MODALIDADE A DISTÂNCIA**

COORDENADORA DO CURSO: Sérgio Luís Dias Doliveira
COORDENADORA DE TUTORIA: Monica Aparecida Bortolotti

COMITÊ EDITORIAL DO NEAD/UAB

Aldo Bona, Edelcio Stroparo, Edgar Gandra, Jamile Santinello, Klevi Mary Reali,
Margareth de Fátima Maciel, Maria Aparecida Crissi Knüppel,
Rafael Sebrian, Ruth Rieth Leonhardt.

CLEIDE APARECIDA DE OLIVEIRA SILVA

DOCÊNCIA EMPEENEDORA

REVISÃO ORTOGRÁFICA
Daniela Leonhardt
Maria Cleci Venturini
Soely Bettes

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Andressa Rickli
Espencer Ávila Gandra
Luiz Fernando Santos

CAPA
Espencer Ávila Gandra

GRÁFICA UNICENTRO
180 exemplares

Nota: O conteúdo da obra é de exclusiva responsabilidade dos autores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA	09
O SABER EMPREENDEDOR	15
COMO DESENVOLVER NOS ALUNOS (AS) O DESEJO DE SONHAR	31
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram. Jean Piaget

A Pedagogia Empreendedora, para Dolabela (2003) é uma metodologia de ensino do Empreendedorismo, que prevê o fortalecimento dos valores empreendedores na sociedade, que sinaliza de forma positiva a capacidade individual e coletiva de gerar valores para toda a comunidade promovendo a capacidade de: inovação, de autonomia, de busca da sustentabilidade, de ser protagonista da sua própria história, ou seja, dar novos conteúdos aos antigos conceitos de estabilidade e segurança, dando oportunidade às pessoas de correrem riscos limitados e de se adaptarem às mudanças, principalmente, mudando a si mesmas de forma permanente.

Para Dolabela (2003), empreendedor é o indivíduo que gera utilidade para os outros, que gera valor positivo para sua comunidade, procurando desenvolver as comunidades através das pessoas que ali estão.

Entre os diversos autores que sustentam a ideia de educar os atuais e futuros trabalhadores para o empreendedorismo, destaca-se Fernando Dolabela, autor que se diferencia, em função das diversas proposições e trabalhos práticos, que apresenta e desenvolve, com destaque nos projetos para a pedagogia empreendedora e também para as oficinas do empreendedor.

Essa metodologia é destinada aos alunos, dos 4 anos aos 17 anos, ou seja, iniciada desde o Ensino Fundamental, já na Educação Infantil, continuando no Ensino Médio e prosseguido até o ensino Superior.

A Pedagogia Empreendedora tem como alvo não só a própria criança ou adolescente, mas toda a comunidade, tendo como função o estímulo à capacidade de escolha de cada pessoa envolvida, sem influenciar nas suas decisões, respeitando e tendo como base as pesquisas, os dados locais, pois está vinculada ao desenvolvimento local e as a tecnologias, de forma sustentável, ou seja, uma forma de “ser” e não somente de “fazer”, transportando o conceito que nasceu na empresa para todas as áreas da atividade humana.

A Pedagogia Empreendedora já foi aplicada como teste piloto, desde o ano de 2002, em diferentes escolas de alguns municípios, na rede pública municipal e em algumas da rede estadual, nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná.

Para iniciarmos a discussão, é necessário fazer duas perguntas, sugeridas pelo autor:

A primeira é: Qual é o seu sonho?

A segunda é: O que você vai fazer para transformar seu sonho em realidade?

Depois de refletir sobre estas questões, conclui-se que para ter maiores bases para as respostas e também para conferir o público alvo, torna-se necessário entender a função social da escola, pois será nela que estará acontecendo a implantação e a manutenção da proposta.

FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

Quando refletimos sobre a função social da escola, e qual é a relação da educação formal com a educação para a realização do sonho, encontramos algumas definições que apontam desde o objetivo de contribuir com a família e a sociedade na formação integral do indivíduo até determinadas críticas sobre as práticas utilizadas por professores, sem apresentarem uma abordagem empreendedora, mas que apenas reproduz o conhecimento.

Ao analisar a função básica da escola que é garantir a aprendizagem de conhecimentos, habilidades e valores necessários à socialização do indivíduo, entende-se que estas aprendizagens devem constituir-se em instrumentos para que o aluno compreenda melhor a realidade que o cerca, favorecendo sua participação em relações sociais cada vez mais amplas, possibilitando a leitura e interpretação das mensagens e informações recebidas, preparando-o para a inserção no mundo do trabalho e para a intervenção crítica e consciente na vida pública, tornando os alunos, capazes de agir na realidade, descobrindo formas de participação e de transformação de seu mundo.

Freire, ao abordar a importância dos sujeitos na prática educativa, argumenta que:

Toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra (Freire, 2002, p. 77-78).

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases, cabe, à escola formar cidadãos críticos, reflexivos, autônomos, conscientes de seus direitos e deveres, capazes de compreender a realidade em que vivem e que durante todo o processo de escolarização sejam preparados para participar da vida econômica, social e política do país, dessa forma tornando os alunos aptos a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.

A legislação brasileira prevê garantias na educação, iniciando pela Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

O artigo 205 da Constituição Federal (BRASIL, 2007) dispõe que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família e será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Cabe salientar que, desde a promulgação da LDB, ocorreram inúmeras atualizações nas leis, a última atualização foi a Lei 12.796, de 4 de abril de 2013, que visa buscar melhorias para a educação, sempre primando pelo direito universal à educação para todos.

A Lei nº 9.394/1996 sinalizou para um ensino obrigatório de nove anos de duração, ao iniciar-se aos seis anos de idade, o que por sua vez tornou-se meta da educação nacional pela Lei nº 10.172/2001, que aprovou o PNE. Em 6 de fevereiro de 2006, a Lei nº 11.274 instituiu o ensino fundamental de nove anos de duração, com a inclusão das crianças de seis anos de idade.

Outra mudança ocorreu quando a presidente Dilma Rousseff fez modificações importantes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. A mais relevante é a redução da idade mínima para a matrícula que caiu de 6 para 4 anos. Pelo novo texto, publicado no *Diário Oficial da União*, o estado é obrigado a garantir à população educação escolar pública e gratuita dos 4 aos 17 anos. A nova lei ainda torna dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrículas das crianças na educação básica a partir dos 4 anos de idade. Os governos estaduais e municipais têm, até 2016, para garantir vagas a todas as crianças com idade a partir de 4 anos.

Os elementos de suporte, apresentados por Filion (2001), adaptados na pedagogia empreendedora, visam o desenvolvimento de condições para o autoconhecimento, habilidades para conhecer a realidade em que está inserido e competências para conhecer a natureza do seu sonho.

Diante deste estudo, torna-se importante salientar que, além de garantir o direito a vaga, também é necessário prever a qualidade do ensino, pois a função da escola é de formar cidadãos críticos, reflexivos, autônomos, conscientes de seus direitos e deveres, sendo capazes de compreender a

realidade em que vivem, sendo preparados para participar da vida econômica, social e política do país e, assim, aptos a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS E CONCEITOS DO EMPREENDEDORISMO

O conceito de empreendedorismo é muito variado, cada área do conhecimento e por cada pessoa envolvida na atuação definem empreendedorismo de muitas maneiras diferentes. O importante a ser ressaltado é que o empreendedorismo sofre um processo de ascensão no Brasil e no mundo, daí vem a grande importância da prática do empreendedorismo se difundir cada vez mais, pois, conseqüentemente irá ajudar o país no seu crescimento, com isso gerando possibilidades de trabalho, renda e maiores investimentos (DOLABELA, 2008).

O principal significado é a capacidade de transformar conhecimento em riqueza para toda a coletividade, porém, só pode ser considerado empreendedor aquele que oferece valor positivo para a comunidade a que pertence, pois Empreendedorismo não pode ser visto como um processo de enriquecimento pessoal (DOLABELA, 2008, p. 13).

Para Dornelas (2004), empreendedorismo pode ser definido de várias maneiras, porém, a essência se resume em fazer diferente, empregar recursos disponíveis de forma criativa, assumir riscos, buscar oportunidades e inovar.

A relação da inovação com o empreendedorismo se faz presente, desde a sociedade industrial, constituindo um conceito relacionado especificamente à raiz histórica de cunho econômico do empreendedorismo, cujo teórico que se destacou, neste cenário, foi Schumpeter (1982), um dos primeiros a associar, de fato, a inovação com o empreendedorismo.

Para Schumpeter (1982), o empreendedor constitui um agente que, por meio do conhecimento, consegue promover a inovação e o desenvolvimento da nação. Ele o faz de modo a desestruturar a ordem econômica por meio das inovações que promove. Contudo o que é o empreendedorismo e quem é o empreendedor?

Schumpeter (1982) estabeleceu, com seu conceito de empreendedor, as bases teóricas que permitem a diferenciação entre o indivíduo empreendedor e o investidor de capital. Não seria o empreendedor aquele que apenas disponibiliza somas de dinheiro para determinada empreita, mas aquele que, combinando recursos, percebe e aproveita novas oportunidades.

Conforme Dolabela (2003), as condições para ser empreendedor estão ligadas ao ambiente macro, à democracia, à cooperação e à estrutura de poder. Ser empreendedor também requer um conhecimento de um caminho bem complexo e que demanda uma visão bem ampla das causas e das consequências dos fatores que vivenciam, incluindo o fenômeno cultural.

Sabe-se que o empreendedorismo é um fenômeno cultural, e segundo Dolabela (1999), é:

[...]fruto dos hábitos, práticas e valores das pessoas. Existem famílias mais empreendedoras do que outras, assim como cidades, regiões, países. Na verdade aprende-se a ser empreendedor pela convivência com outros empreendedores [...] o empreendedor aprende em um clima de emoção e é capaz de assimilar e experiência de terceiros. (DOLABELA, 1999: 31)

A Pedagogia Empreendedora inova o conceito de empreendedorismo ao estabelecer um novo conceito de sucesso, quando define que “O sucesso não pode ser medido pelo dinheiro, mas sim pela autorrealização e só a própria pessoa pode medir o seu sucesso”, enfatiza que o fracasso só existe diante da desistência.

Dornelas (2004) e Dolabela (2003) citam algumas características dos empreendedores, entre elas inovação, liderança, capacidade de analisar riscos, independência, criatividade, autoconfiança, orientação para resultados, originalidade, iniciativa, otimismo, flexibilidade, habilidade para conduzir situações adversas, necessidade de realização, envolvimento de longo prazo, capacidade de aprendizagem, agressividade, comprometimento, planejamento aguçado, desenvolvimento de redes de contato, criação de valor para a sociedade e necessidade de controle.

O empreendedor, para Filion (2001), é aquele capaz de concretizar seus sonhos, como se a realidade fosse uma projeção da mente (SEBRAE, 2005).

No Brasil, o tema vem ganhando cada vez mais espaço e adesão, chegando a fundamentar projetos pedagógicos de diversas escolas, por orientação das próprias secretarias de educação. Na literatura educacional, multiplicam-se as publicações voltadas para a disseminação de uma suposta superioridade do empreendedorismo na educação frente a outras proposições pedagógicas.

Dolabela desfaz o mito de que para ser um bom empreendedor é necessário ter talento ou dom. Segundo ele, o espírito empreendedor pode florescer em qualquer pessoa, desde que haja um ambiente favorável e democrático. “A rigidez, seja da política, da escola, dos pais ou até da religião dificulta o empreendedorismo, pois, para empreender, é preciso ter liberdade para ousar e, é claro, errar”.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Descreva alguns pontos que reconhecem a Pedagogia Empreendedora enquanto metodologia de ensino.
2. Reflita sobre a função social da escola.
3. Cite as principais características da Pedagogia Empreendedora.

SUGESTÃO DE PESQUISA:

<http://portal.mec.gov.br/>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

<http://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/>

<http://fernandodolabela.wordpress.com/servicos-oferecidos/pedagogia-empresendedora/>

O SABER EMPREENDEDOR

Depois de ser explorado com os alunos a questão do sonho que cada um apresenta, o empreendedor tem o impulso e a energia para buscar sua realização e iniciar a sua caminhada. No entanto, surgem as indagações:

Mas o que é o saber empreendedor?

Como defini-lo?

Como adquiri-lo?

As pessoas, segundo Dolabela (2003), empreendem em razão do que são, e não apenas do que sabem, pois o saber é que interessa ao empreendedor, cuja busca leva à ação no saber necessário para levá-lo ao sonho, este compreendendo o conhecimento do ambiente em que o sonho se desenvolve (o saber específico) e as habilidades e competências intrínsecas a ele.

Empreender é um processo essencialmente humano, com toda a carga que isso representa: ações dominadas por emoção, desejos, sonhos, valores; ousadia de enfrentar as incertezas e construir a partir da ambiguidade e no indefinido consciência da inevitabilidade do erro em caminhos não percorridos; rebeldia e inconformismo; crença da incapacidade de mudar o mundo; indignação diante de iniquidades sociais. Empreender, é principalmente, um processo de construção do futuro. (DOLABELA, 2003 p. 29)

Assim, para Dolabela (2003), propagar o ensino de empreendedorismo para todos os níveis educacionais é de suma importância e a universidade é

ponto de partida, porque ela é uma forte formadora de opinião e multiplicadora do saber. Mas é necessário disseminar a cultura empreendedora desde o primeiro degrau do sistema educacional, pois só assim poderá se criar a “incubadora social”, onde toda a sociedade estará envolvida por uma cultura que sinalize positivamente para valores empreendedores que priorizam a geração e distribuição de riquezas, a inovação, a cidadania, a ética, a liberdade em todos os níveis, o respeito ao homem e ao meio ambiente.

Dolabela (2003) ainda ressalta que a educação empreendedora deve começar o mais cedo possível porque diz respeito à cultura, pois esta é mais fácil de induzir ou inibir a capacidade empreendedora.

Para tanto, o empreendedor deverá articular esses elementos e assim gerar o saber empreendedor, embora este saber não possa ser adquirido antecipadamente ou apreendido de terceiros, porque diz respeito a peculiaridades do indivíduo em relação ao agir em busca de seus objetivos e também do seu estilo pessoal, resumindo, o empreendedor deve construir sozinho o que é necessário para alcançar o que deseja.

Segundo Dolabela (2003) a Pedagogia Empreendedora entende o ser humano como alguém habilitado a criar novos conhecimentos, a partir de um conjunto de saberes na busca da realização do sonho, sendo este sonho a fonte geradora do impulso em direção à aquisição do saber, que será composto por quatro faces:

- **Saber ser** – é a busca fecunda a pulsão empreendedora;
- **Saber fazer** – será mais específico e individual, dirige-se à formulação do sonho e ao que será necessário para a sua realização, como os recursos, as competências e os conhecimentos;
- **Saber conviver** – é a rede de relações;
- **Saber conhecer** – o conhecimento sobre o sonho e o ambiente.

Enfim, a Pedagogia Empreendedora resulta no aprimoramento da capacidade competitiva dos indivíduos, fazendo com que estes cresçam familiarizados com práticas responsabilmente sociais, promovendo a sustentabilidade econômica e social do mundo.

Para Dolabela (2003), o empreendedorismo, no Brasil, deve considerar as prioridades, eliminando a exclusão social e confrontando a ideia tradicional do empreendedorismo.

Conforme é salientado no livro Pedagogia Empreendedor, Dolabela implementa metodologias que visam à transformação dos objetivos do ensino para formar empreendedores.

O empreendedorismo que propõe é comprometido não só com o crescimento econômico do país, mas principalmente com o

desenvolvimento includente, que gera e distribui renda, conhecimento e poder. (DOLABELA 2003, p. 140)

O saber empreendedor, para Dolabela (2003), ultrapassa o domínio de conteúdos científicos, técnicos e instrumentais, pois estes pouco servem para quem não sonha, para quem não tem a capacidade de, a partir do sonho, gerar novos conhecimentos que produzam mudanças significativas para o avanço da coletividade.

Empreendedor, segundo Dolabela (2003), não significa apenas criar novas propostas, inventar novos produtos ou processos, produzir novas teorias, engendrar melhores concepções de representação de realidade ou tecnologias sociais. Empreender significa modificar a realidade para dela obter a autorrealização e oferecer valores positivos para a coletividade.

O empreendedor do poeta significaria abrir a gaveta, publicar, comunicar a poesia e conseguir que ela transporte corações e mentes. Assim, tanto são os empreendedores o poeta e o músico que realizam seu sonho de produzir e comunicar o belo quanto os produtores de software que realizam sua visão e vontade de facilitar a comunicação. (DOLABELA, 2003 p. 29)

Diante destas reflexões, pode-se contatar que os métodos convencionais, segundo o autor, não se aplicam ao aprendizado empreendedor,

[...] pois não há uma resposta correta, mas sim perguntas fertilizantes, que abre possibilidades para a ocorrência de inúmeras respostas possíveis. (DOLABELLA, 2003 p. 30)

Considerando que educar, na concepção de Dolabela (2003), quer dizer sem mudar as raízes, aumentando a autoestima, despertando a rebeldia, a criatividade e a força da inovação.

Um aspecto importante a ser considerado, no que se refere à formação da cidadania, diz respeito à formação de determinados valores, atitudes e compromissos indispensáveis à vivência numa sociedade democrática, tais como: solidariedade, cooperação, responsabilidade, respeito às diferenças culturais, étnicas e de sexo, fazendo repúdio a qualquer forma de discriminação e preconceito.

Para Dolabela (2003), o sonho que gera a emoção e que estimula a vontade de saber, e se um determinado conteúdo ou processo não tem relação com o sonho de um aluno, é função social de a escola propiciar a formação destes valores.

REFLEXÕES ACERCA DO PROFESSOR COMO AGENTE EMPREENDEDOR

“Pensar apenas ou desejar somente nunca levou ninguém a lugar nenhum. É necessário também a ação” William Shakespeare

A Constituição Brasileira preconiza que a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola deve ser assegurada a **TODOS** e que a Educação é um direito garantido à criança e ao adolescente. Portanto, compreende-se, que TODA criança e TODO adolescente, devem gozar plenamente do direito à educação em igualdade de oportunidades.

Ao reconhecer a importância da proposta da Educação Empreendedora, entende-se, que esta perpassa todos os níveis. E, quando se fala em níveis, etapas e modalidades, compreende-se que segundo a LDB, a educação escolar compõe-se de Educação Básica e Educação Superior. A Educação Básica organiza-se em três etapas, sendo a Educação Infantil – 1ª etapa, o Ensino Fundamental - 2ª etapa e o Ensino Médio - 3ª etapa. Como modalidades de ensino, divide-se em: Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Profissional e Tecnológica, Educação Especial, Educação à distância e Educação Indígena.

Para manter uma educação de qualidade, prevendo a aprendizagem de conhecimentos, habilidades e valores necessários à socialização do indivíduo, o professor deve atuar como agente nas tendências e nas inovações, oferecendo aos alunos os serviços, recursos e estratégias de acessibilidade ao ambiente e ao conhecimento de forma ampla, com metodologias participativas, desafiadoras, problematizando os conteúdos e estimulando o aluno a pensar, a formular hipóteses, a descobrir, a falar, a questionar, a colocar suas opiniões, suas divergências e dúvidas, a trocar informações com o grupo de colegas, defendendo e argumentando seus sonhos, seus desejos.

Para tanto, o trabalho do professor, como agente empreendedor em qualquer uma das modalidades ou dos níveis Ensino, é de que o momento vivenciado pode ser considerado como “a era do empreendedorismo”, levando as crianças ao pensamento criativo, a idealização do futuro. Nesse sentido Freire (2002), faz a seguinte colocação, referindo-se a alguns professores, quanto à criticidade dos conteúdos trabalhados em sala de aula:

De modo geral teimam em depositar nos alunos apassivados a descrição do perfil dos conteúdos, em lugar de desafiá-los a apreender a substantividade dos mesmos, enquanto objetos gnosiológicos, somente como os aprendem (Freire, 2002, p. 123-124).

As práticas empreendedoras incentivadas pelos professores, podem promover mudanças não só nos ambientes de ensino e de aprendizagem, mas também na sociedade, porque ao ajudar a formar alunos mais autônomos, proativos e interessados, os professores estarão contribuindo para que seus alunos futuramente tenham um melhor desempenho pessoal e profissional.

Professores empreendedores são educadores que, além de estimularem seus alunos na busca do conhecimento durante as aulas e desenvolverem futuros profissionais, também buscam soluções para melhorar a área em que atuam e oferecer uma nova experiência de aprendizado. Basicamente, são **professores com boas ideias e espírito empreendedor**.

Para Dolabela (2003), a importância do perfil de um professor empreendedor para a educação é que, por meio dele, será possível implementar as novidades na sala de aula de maneira mais eficaz. O professor é considerado um empreendedor quando usa a criatividade, tem boas ideias, trabalha no desenvolvimento de projetos multidisciplinares e busca desenvolver o engajamento da comunidade educativa para melhorar a aprendizagem e o contexto educacional no qual está inserido.

Portanto, a Educação Empreendedora conta com diferentes atores que buscam planejar, compartilhar responsabilidades e, assim, garantir o compromisso da construção de um aprendizado pleno para a vida, conforme preconiza o Ministério da Educação e outros aspectos legais que norteiam estas garantias.

A **área de educação** tem sofrido muitas transformações nos últimos anos, nos paradigmas, na inserção da tecnologia na sala de aula, na necessidade de maior atualização do professor frente às inovações e necessidades. Segundo Dolabela o primeiro passo a ser dado em direção a essa estratégia didática empreendedora, deverá ser a tomada de consciência, que a escola precisa entender o que é empreendedorismo e deve introduzir o empreendedorismo no currículo como uma disciplina normal ou, melhor ainda, inserir de forma transversal, onde as disciplinas que contemplam o empreendedorismo deverão ser voltadas para o comportamento empreendedor e os alunos motivados a lidar com recursos limitados, correr riscos, a tolerar o fracasso e o erro, ter perseverança e determinação, competir, buscar liberdade e autonomia, superar limites e promover mudanças inovadoras.

Para isso, o professor ao trabalhar o empreendedorismo deverá experimentar outras técnicas de ensino, por meio de dinâmicas, competições, desafios, contato com empreendedores, laboratórios de experimentação, clubes de convivência e networking, visando uma troca de experiências e transformando suas aulas para que todos aprendam os conteúdos e apliquem seus conhecimentos, de maneira significativa.

Conforme Paulo Freire é necessário saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas possibilitar a produção e a construção do conhecimento e a prática transmissiva comprometerá o exercício do profissional no processo educativo, porque:

O papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa de se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno, se estabeleça. É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com esforço metodicamente do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar” (Freire, 2002, p. 133 - 134).

Para Dolabela (2003, p. 106), a estratégia pedagógica adequada deve deixar alguns questionamentos como: Qual é a dinâmica que agrega valor a um processo educacional? Como a estratégia pedagógica se desenvolverá e criará condições para a evolução tanto dos alunos como dos professores?

Quando o professor promove estratégias de ensino/aprendizado que objetivam a formação de valores humanos, estará abraçando a Pedagogia Empreendedora. Dolabela (2003), destaca as seguintes características:

1. **Formação de valores** – a Pedagogia Empreendedora não supõe que os conteúdos se restrinjam a conceitos científicos, nem afirma que as competências e habilidades servem exclusivamente para aprendê-los, pois preocupa-se principalmente com a formação de valores.
2. **Saber ser** - O professor será envolvido no processo: ao aplicar a estratégia empreendedora, ele estará desenvolvendo uma nova visão da aquisição do saber, construída a partir da emoção e de propostas existenciais básicas apresentadas pelos alunos.
3. **Valores para a comunidade** - Ao reconhecer a coletividade como alvo do saber empreendedor, o professor estará atravessando a ponte que proporciona a transformação do saber em valor para a comunidade.
4. **Formação de capital humano e social** - Ao endereçar o saber à construção de si mesmo e do outro, o professor estará se envolvendo em processos que visam ao desenvolvimento humano. Ao admitir a comunidade como uma das principais fontes de conhecimento e de oferta de modelos para os alunos, o professor estará ampliando a

sua compreensão sobre o papel da comunidade e construindo um entendimento sobre a formação do que se chama capital social.

5. **Professor empreendedor** - Ao chamar a comunidade a participar do processo educacional, ele estará formando e fortalecendo a sua rede própria de relações, desenvolvendo também a sua capacidade de empreender.
6. **Construção de cooperação** - Ao se integrar à comunidade, de forma intensa, o professor estará construindo a sua competência para cooperar e gerar cooperação, o que é fundamental para o desenvolvimento humano e formação do capital social.
7. **Mestre aprendiz** - O aluno irá gerar um conhecimento específico, representado pela formação do seu sonho e do “trabalho” empregado na tentativa de sua realização, ao qual o professor terá acesso de forma privilegiada. Aqui, a máxima que diz que o mestre aprende mais que o aluno é uma verdade concreta e não-metafórica, porque, ao testemunhar a criação de estratégias, meios e caminhos, busca e aplicação de energia, inteligência, criatividade, inovação, transgressão etc., o professor entrará como testemunha e participante de experiências que dizem respeito à epopéia humana.
8. **Recriação constante** - Ao implementar a Pedagogia Empreendedora, o professor terá a oportunidade de recriá-la, moldando-a às peculiaridades dos públicos interno e externo que serão alvo de sua aplicação e, com isso, estará desenvolvendo a sua criatividade, aplicando conhecimentos, enfrentando desafios. Enfim, estará aprendendo. Os atores envolvidos com a Pedagogia Empreendedora – alunos, professores, pais, escola e comunidade – apresentam diferenças substanciais (de escola para escola, de cidade para cidade, de região para região). Tais diferenças dizem respeito a valores, tradições, nível de capital social e humano, práticas econômicas, políticas, qualidade de vida. A Pedagogia Empreendedora será, necessariamente diferente a cada aplicação, porque só oferecerá valor se for vinculada e compatível com a cultura local.
9. **Recusa de massificação** - Uma metodologia de educação de educação empreendedora padronizada para a aplicação da Pedagogia Empreendedora.
10. **Materiais próprios** - A implementação da Pedagogia Empreendedora (recriação) exigirá a sua reconstrução permanente, porque a interação com a comunidade gerará experimentos únicos, que serão incorporados no processo.

11. Reconceituação – Ao alinhar entre os seus objetivos o aumento da qualidade de vida de todos (dos que são e dos que virão), a pedagogia Empreendedora estará buscando redefinir o que significa qualidade de vida, ou seja, estará abordando de forma dinâmica a formação de ideais, metas e objetivos sociais. Isso significa que o professor estará permanentemente enfrentando a reflexão sobre os patamares evolutivos de desenvolvimento a serem alcançados pela sociedade.

Cabe salientar que a Pedagogia Empreendedora é uma metodologia educacional de uso amplo, um tema de relevância social, profissional e acadêmica, trata-se principalmente na busca por autoconhecimento, perseverança, imaginação, inovação e criatividade, com diretrizes fundamentais adotadas no ambiente de sua aplicação e reformuladas sempre que necessário.

A proposta da estratégia didática apresenta duas propostas de ação aos alunos, sendo: a) a formulação do sonho; e b) a busca de sua realização. Tomadas como uma unidade indissociável, as duas ações compõem o eixo do autoaprendizado e acompanharão o aluno a partir dos quatro anos de idade, a cada ano de estudo dos alunos, de tal forma que a tarefa pedagógica consistirá em movimentar o ciclo “sonhar e buscar realizar o sonho” a cada ano letivo. (DOLABELA, 2003).

O programa curricular foi iniciado com a seguinte pergunta: “Qual o seu sonho e como buscará realiza-lo? E encerrado com a apresentação individual dos alunos na resposta onde respondiam: Aqui está a descrição do que fiz para formular meu sonho e o esforço que desenvolvi buscando realiza-lo.” (DOLABELA, 2003).

Ao formular o sonho, na proposta de Dolabela (2003), o aluno trabalhou para conhecer a si mesmo, conhecer a sua realidade e conhecer também a natureza de seu sonho.

O desenvolvimento do programa fez-se inicialmente através de material composto por catorze cadernos de atividades, contendo 36 propostas de jogos, dinâmicas, vivências, de acordo com a faixa etária, que foram desenvolvidos no decorrer do ano. Essas atividades foram revistas e adaptadas pelos professores da rede municipal e auxiliaram os alunos a desenvolverem os chamados elementos de suporte que são: liderança, energia, conceito de si, conhecimento de setor e rede de relações.

O trabalho com esses elementos de suporte permitiu o fortalecimento da capacidade do aluno de buscar os seus sonhos e transformá-los em realidade.

Os alunos trabalharam inicialmente com duas questões: (1) Qual é o meu sonho?; (2) O que vou fazer para transformar o meu sonho em realidade?. A partir desses questionamentos, a metodologia trabalha no desenvolvimento do aluno em empreender em atividades que tenham a ver com a realização de

seus sonhos: seja no governo, no terceiro setor, nas grandes empresas, como artistas, pesquisadores etc. O tema central da pedagogia de Dolabela não é o enriquecimento, mas a realização do sonho e a busca por objetivos, de forma ativa e inovadora, para a construção do desenvolvimento social.

Fernando Dolabela entende que é preciso que os alunos desenvolvam o potencial de sonhar (DOLABELA, 2008, p. 13). Para tanto, o autor acredita que, a princípio, a escola precisa entender o que é empreendedorismo e isso é difícil porque não existe uma consciência da importância do termo, pois a escola, enquanto instituição, não é um ambiente empreendedor e o modelo de inserção no mundo profissional seguia (e ainda segue) a relação emprego na indústria.

Portanto, como já visto anteriormente, a escola deve introduzir o empreendedorismo no currículo como uma disciplina normal ou, melhor ainda, inseri-lo de forma transversal, que é um processo mais complexo. Na introdução do conceito, recomendo a utilização do espaço curricular convencional. Depois, é importante que o empreendedorismo seja algo muito diverso do ensino convencional (DOLABELA, 2008, p. 15).

ANÁLISE DAS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES EMPREENDEDORAS NA DOCÊNCIA

A Pedagogia Empreendedora é uma estratégia didática para o desenvolvimento da capacidade empreendedora dos alunos, em todas as modalidades, e se propõe ao aprimoramento da capacidade de ajustar sempre uma percepção ética e significativa na construção e na evolução de conceitos como liberdade, democracia, respeito, cooperação e amor acima de tudo.

Dessa maneira, a Pedagogia Empreendedora tem como objetivo estimular e incentivar a todos os envolvidos na busca e na realização do sonho.

ENSINO CONVENCIONAL	ENSINO DE EMPREENDEDORISMO
<p>Ênfase no conteúdo, que é visto como meta. Conduzido e dominado pelo instrutor. O instrutor repassa o conhecimento. Aquisição de informações “corretas”, de uma vez por todas. Currículos e sessões fortemente programados. Objetivos do ensino impostos. Prioridade para o desempenho. Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamento divergentes. Ênfase no pensamento analítico e linear; parte esquerda do cérebro. Conhecimento teórico e abstrato. Resistência à influência da comunidade. Ênfase no mundo exterior; experiência interior considerada imprópria ao ambiente escolar. Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel. Erros não aceitos. O conhecimento é o elo entre aluno e professor.</p>	<p>Ênfase no processo; aprender a aprender. Apropriação do aprendizado pelo participante. O instrutor como facilitador e educador; participantes geram conhecimento. O que se sabe pode mudar. Sessões flexíveis e voltadas a necessidades. Objetivos do aprendizado negociados. Prioridade para a autoimagem geradora do desempenho. Conjecturas e pensamento divergentes vistos como parte do processo criativo. Envolvimento de todo o cérebro; aumento da racionalidade no lado esquerdo do cérebro por estratégias holísticas, não lineares, intuitivas; ênfase a confluência e fusão de dois processos. Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela. Encorajamento à influência da comunidade. Experiência interior é contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação. Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola. Erros como fonte de conhecimento. Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância.</p>

QUADRO ADAPTADO: FONTE: DOLABELA, FERNANDO. **OFICINA DO EMPREENDEDOR.** SÃO PAULO: CULTURA, 1999. P. 116

Os professores poderão estimular seus alunos a sonhar com o futuro sem necessariamente interferir nos objetivos, ou seja, projetar o sonho do adulto na criança ou no adolescente. A estratégia da Pedagogia Empreendedora funda-se no estímulo do sonho, sem que haja interferência na construção ou na realização deste, pois cabe ao professor oferecer a orientação e meios para desenvolver as competências e as habilidades para a formulação e para a busca da realização.

A escola poderá oferecer meios para a construção dos sonhos dos alunos por meio de conversas informais ou questionários, incentivando-os, esclarecendo sempre o que eles são e o que querem ser, como agir para ter uma independência financeira. Os professores poderão também levar os conteúdos

de forma prazerosa, mostrando os objetivos de cada disciplina, para que possam levar os alunos a saber onde irão utilizá-las na sua vida, seja estudantil, seja profissional.

Não acontecendo assim, o sonho não é congruente com a forma de ser e as aspirações coletivas; como também o conteúdo de ensino com as aspirações, e o conteúdo com o sonho, mas a escola não está habilitada a estabelecer relações entre os conteúdos e suas aplicações.

Dornelas (2001) destaca que, até alguns anos, acreditava-se que o empreendedorismo era inato, que o empreendedor nascia com um diferencial e era predestinado ao sucesso nos negócios. Pessoas sem essas características eram desencorajadas a empreender. Como já se viu, isto é um mito. Hoje esse discurso mudou, e cada vez mais se acredita que o processo empreendedor pode ser ensinado e entendido por qualquer pessoa, e que o sucesso é decorrente de uma gama de fatores internos e externos ao negócio, do perfil do empreendedor e de como ele administra as adversidades que encontra no dia a dia de seu empreendimento.

Para Dolabela (2008), a educação tradicional aprisiona e impõe limites, preserva poderes, exclui, enquanto a Pedagogia Empreendedora liberta, pois, esta, diferentemente daquela, não priva os jovens do conhecimento e dos sonhos. Parte do pressuposto de que o empreendedor precisa primeiro sonhar para em seguida realizar. A origem e a essência do empreendedorismo está na emoção do indivíduo, na energia que o leva a transformar-se e transformar a sua vida.

Drucker (1994) corrobora esta posição ao afirmar que o conhecimento está sempre incorporado a uma pessoa, é transportado por uma pessoa, é criado, ampliado, ensinado e transmitido por uma pessoa e é usado, bem ou mal, por uma pessoa. Portanto, a passagem para a Sociedade do Conhecimento coloca a pessoa no centro. Ao fazê-lo, ela levanta novos desafios, novas questões e novas perguntas, sem precedentes, a respeito do representante da sociedade do conhecimento e da tecnologia.

Entende-se como tecnologia o conjunto de normas, ferramentas e técnicas que visam otimizar atividades e alcançar metas. Tecnologia aqui não é apenas sinônimo de informática, mas também de técnicas e modos conhecidos de implementar as ações nas organizações. Não existe sistema social sem uma tecnologia pela qual ele tenha se desenvolvido (Schön, 1971).

A Pedagogia Empreendedora é uma metodologia de ensino de empreendedorismo para a educação básica. Essa proposta:

Estimula a capacidade de escolha do aluno sem influenciar as suas decisões, preparando-o para as suas próprias opções. Trata o empreendedorismo como uma forma de ser e não somente de fazer,

transportando o conceito que nasceu na empresa para todas as áreas da atividade humana. [...] Ela desenvolve o potencial dos alunos para serem empreendedores em qualquer atividade que escolherem: empregados do governo, do terceiro setor, de grandes empresas, pesquisadores, artistas, etc.. E também, evidentemente, para serem proprietários de uma empresa, se esta for a sua escolha. (DOLABELA, 2003)

Para saber, se o empreendedorismo pode ser ensinado, devemos adaptar a abordagem pedagógica à lógica de cada disciplina ou campo de estudo. Não se pode ensinar empreendedorismo como se ensina outras matérias (Filion, 2001).

Dolabela (1999) elenca alguns pontos para a reflexão dos professores, os quais são listados a seguir:

- O professor é alguém que vai criar condições necessárias para o aluno aprender sozinho a ser empreendedor, não vai ensinar;
- Não dê respostas. Habilite-se a fazer perguntas. O empreendedor é alguém que aprende sozinho;
- Não seja paternalista na relação com os alunos. Eles devem buscar sozinhos o conhecimento de que necessitam;
- Jamais influencie o aluno na busca de uma ideia de negócio. Lembre-se de que uma empresa é a realização de um sonho;
- Em sala de aula, dê lugar à emoção dos alunos e também à sua. Ela é o principal caminho para a razão e o talento;
- Não se sinta responsável pela apresentação de soluções. Este é o papel do aluno pré-empresendedor e encoraje os alunos a definirem seus problemas, situações e visões.

Dessa forma, altera-se também a importância do papel do professor, o qual deve, por meio de sua ação, “ampliar as referências e fontes de aprendizado e redefinir o próprio conceito de saber” (DOLABELA, 2003, p. 103).

A proposta de “Pedagogia Empreendedora” desenvolvida por Dolabela parte do princípio de que o empreendedor é aquele capaz de gerar novos conhecimentos por meio de “saberes” sintetizados nos pilares da educação: aprender a saber, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (DOLABELA, 2003, p. 26).

Sendo assim, tal proposta combina com o movimento em curso de esvaziamento do sentido científico-tecnológico da escolarização e de individualização da condição social dos sujeitos, representado por propostas sustentadas no pragmatismo e como profissionais, com seu conhecimento intelectual, sua ação como formador de opinião, como cidadão. Como sujeito que irá interferir historicamente no mundo, como dizia o educador Paulo Freire:

Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história. (FREIRE,1996)

Portanto, a pedagogia que orienta as práticas educacionais de formação empreendedora do projeto empreendedorismo é pautada na pedagogia de educação libertadora de Paulo Freire. A educação libertadora é uma premissa baseada em uma relação horizontal e dialógica. Horizontal, porque se coloca na condição de igual nas relações sociais com os outros e dialógico, porque se crê que só por meio do diálogo, ou seja, do experienciar o dialogo que se aprende ensinando e ensina-se aprendendo, pois o sujeito dialógico crê na humanidade, é crítico, reconhece o poder de fazer, criar e transformar como próprio dos homens e está pode se dar em comunhão.

A maioria dos professores adota modelos de ensino onde tudo é dado de bandeja ao aluno, ou seja, o educador faz “depósitos” de conteúdos que devem ser arquivados pelos educandos, de modo que a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. O educador será tanto melhor educador quanto mais conseguir “depositar” nos educandos. Os educandos, por sua vez, serão tanto melhores educados, quanto mais conseguirem arquivar os depósitos feitos (Freire,2003).

Se em uma educação domesticadora, que trata o aluno como objeto, o transformará em um sujeito passivo. Não há dúvidas quanto à importância da educação para o ser humano. Inúmeros autores discorrem, sobretudo enfatizando que é pela educação a forma, pela qual, o homem se faz homem. Nesse sentido ela abrange mais do que saber, pois incluem aspectos culturais, valores, princípios. A educação assim constitui um processo pelo qual a sociedade reproduz a si mesma (Lopes, 2010).

Contudo, tal como expõe Freire (2001), a questão do sonho possível só é possível por meio de uma educação libertadora, que é pautada em uma ação dialógica. O sonho, longe de ser fator de imobilismo, é justamente o elemento mobilizador na busca por educação, escolas, vida digna, enfim, toda a gama das convivências qualitativas entre as pessoas no universo. Nesse sentido, educar implica em dialogar, despertar a rebeldia, a criatividade, a força da inovação para construir um mundo melhor. É substituir a lógica do utilitarismo e do individualismo pela construção do humano, do social, da qualidade de vida para todos. (Dolabela2003).

No contexto educacional é substituir a prática domesticadora de educação para a prática libertadora de educação (Freire, 2003), Todos os participantes do processo são chamados a assumir o posto de verdadeiros sujeitos cognoscentes, pois, agora, eles compartilham, a produção do saber, gerando cidadãos, profissionais e pensadores dotados de reflexão crítica, que

nutrem-se de amor, de esperança, de fé e de confiança nos homens com seus saberes e suas potencialidades de transformar realidades e de realizar sonhos (Freire, 2003).

A origem do ensino do empreendedorismo está associada aos cursos de administração de empresas como uma necessidade prática. No Brasil, o primeiro curso de empreendedorismo aconteceu em 1981, na Fundação Getúlio Vargas, como disciplina Novos Negócios na especialização em Administração para Graduados, ministrada pelo Professor Ronald Degen.

A diminuição da quantidade de oportunidades de trabalho ofertadas pelas grandes organizações; o crescimento das horas trabalhadas; a migração de pessoas em busca de qualidade de vida, das grandes cidades para as pequenas e médias cidades do interior; e a inspiração nos modelos de indivíduos que constroem empreendimentos a partir de ideias inovadoras; despertaram, segundo Andreassi e Fernandes (2010), o interesse das escolas pelo ensino do empreendedorismo como método de atração e retenção de aluno. Não apenas do aluno que deseja iniciar um negócio descreve Lopes (2012).

Pode se perceber que a educação empreendedora pode focar a formação do indivíduo ou focar naquele que se interessa por uma oportunidade e que estaria numa fase anterior à criação de um negócio; pode, ainda, voltar-se para os que já estariam na fase de criação de um empreendimento e, até mesmo, para aqueles que estão em fases posteriores à criação e que estão preocupados com as estratégias para permanecer ativo ou expandir o negócio. (LOPES, 2012, p. 25).

Na visão de Dolabela (1999), a estratégia pedagógica empreendedora, semelhante à proposta de Schön na formação de um profissional reflexivo, apoia-se na construção e na realização do sonho, compondo o eixo do auto-aprendizado.

Como esclareceu Drucker (1986), ao expor que na atualidade surge um novo padrão de comportamento dos agentes econômicos que se baseia principalmente na busca acelerada e constante pela inovação. Sendo a inovação crucial ao desenvolvimento econômico e sendo a mesma tarefa de empreendedores, tendo em vista que a inovação é o instrumento do espírito empreendedor (Drucker, 1986).

Para Drucker (1986), o empreendedorismo adota a inovação como parte essencial da rotina, a norma, a base para segurança de todo empreendimento, todos envolvidos no esforço da inovação (DORNELAS, 2008).

O professor hoje é o maior parceiro na empreitada de fazer o aluno empreender. Ele é visto como alguém que vai prover os recursos para que os alunos desenvolvam e aprimorem o próprio espírito empreendedor. Assim, o saber deve ser utilizado para a construção de alguma coisa que faça sentido

para o indivíduo, pois as coisas mais importantes não podem ser ensinadas, mas sim descobertas e apropriadas pela própria pessoa.

O aluno é o centro da sala de aula e o professor o facilitador da aprendizagem que deve atuar demonstrando, aconselhando, questionando Dolabela (1999). A proposta pedagógica empreendedora tenta diminuir o efeito da censura sobre os sonhos.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. O que significa para a Pedagogia Empreendedora o “Saber Empreendedor”?
2. Cite algumas características que definem o professor como agente empreendedor.
3. Descreva algumas competências e habilidades empreendedoras na docência.
4. Como deve ser visto o aluno na Pedagogia Empreendedora?

SUGESTÃO DE PESQUISA:

<http://www.youtube.com/watch?v=BWGV6TQA-kU>

<http://www.youtube.com/watch?v=B24C2wfYajI>

COMO DESENVOLVER NOS ALUNOS[AS] O DESEJO DE SONHAR

*“É impossível existir sem sonhos”
Paulo Freire*

Diante da reflexão sobre a palavra sonho, podem-se encontrar várias definições, nas áreas da neurociência, da psicologia, da filosofia, porém utilizaremos apenas a definição de que o sonho, para (DOLABELA, 2003) está relacionado à concepção de futuro, de forte desejo.

Para o autor, “o empreendedor é alguém que sonha e busca transformar o seu sonho em realidade” e, a partir disso, gerar e distribuir riquezas.

Voltando à primeira pergunta, que leva a reflexão sobre: Qual é o seu sonho? E o conceito de empreendedor, Dolabela (2003) define como empreendedor alguém que sonha e busca transformar o seu sonho em realidade, e salienta que é necessário que as crianças desenvolvam o potencial de sonhar, que no empreendedorismo significa conceber o futuro, e que, além de sonharem, sejam capazes de transformar esse sonho em realidade. Dolabela (2003) afirma que diante desta reflexão, pode-se observar que a família e a escola não fazem esta pergunta, “Qual é seu sonho?”, para as crianças.

Entende-se que a ausência dessa pergunta, deve-se à intenção da sociedade em fazer com que os jovens desempenhem papéis pré-definidos.

Quando a família e a escola não fazem esta pergunta, as crianças e os jovens não se preparam para a resposta, não imaginam o futuro para si e para a sua comunidade e, conseqüentemente, não desenvolvem o seu potencial empreendedor, sendo que os empreendimentos desenvolvidos pelo projeto se originam da ação de empreender que está relacionada ao ato de desenvolver a capacidade de sonhar e de realizar o sonho.

Porém, o senso de realidade e “pés no chão” necessita ser mantido. No entanto, a fantasia e a concretização dos objetivos precisam ser dosadas adequadamente, para que não prejudiquem o foco dos empreendimentos, porque o excesso de sonhos e visões pode levar os envolvidos a acrescentarem novas etapas e novos projetos, nem sempre exequíveis, que só servem para desviar a atenção e os recursos da empresa, em prejuízo dos objetivos principais.

Ao ser definido, o sonho como uma ação própria dos empreendedores, pois, aqui é empreendedor alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade, tal como discorre, (Dolabela, 2003). Assim define-se como empreendedor aquele que lança a ideia do sonho e estrutura sua busca para tornar este sonho realidade, e a realização deste sonho é a energia que impulsiona o empreendedor, que dá significado à sua vida, ou seja, o sentido do ser.

O sonho mencionado pelo autor é aquele que se sonha acordado, que tem a capacidade de gerar autorrealização e representar um projeto de vida. (Dolabela, 2003), diz que qualquer pessoa tem a capacidade de formular sonhos, pois é da natureza humana. Assim, a premissa que orienta o diálogo entre todos os envolvidos, ou que querem fazer parte do projeto, tem como questão central o seguinte questionamento: o que lhe traz brilho nos olhos? Qual o seu sonho? Qual o sentido do ser?

Para ilustrar a definição de sonhos, na história encontramos Julio Verne, que foi chamado de maluco nos seus inventos dos submarinos e das naves espaciais. Walt Disney imaginou um grande parque de diversões, quando olhava para um terreno pantanoso na Flórida. Juscelino imaginou Brasília muito antes das obras começarem. Ayrton Senna se imaginou subindo no pódio da fórmula I, muito antes de ganhar a primeira corrida de kart.

Portanto, o empreendedor quando imagina ou concebe as ideias ou visões, procura desenvolvê-las, projetando-as no futuro e tornando-as realidade, ao sonhar e organizar suas forças para concretizar o sonho realização ou concretização de um sonho será, para muitos empreendedores, uma motivação muito maior do que a esperança de recompensa financeira.

O sonho pode trazer a origem e organizar um projeto de vida, articulando sinergicamente desejos, visões de mundo valores, competências.

O sonho, definido por Dolabela (2003), é o que impulsiona a ação de realizar o sonho, é a energia disparada pela emoção.

Emocionar é mudar de domínio de ação, é transporta-se para outro estado em que a forma de ver e sentir o mundo e perceber as próprias capacidades se transformar.

Semear o empreendedorismo, por meio de uma educação libertadora em busca da realização do sonho, pode está relacionado ao semear o espírito de aprender a empreender, é tomar o destino nas próprias mãos, conforme sintetiza Gilberto Dimenstein, no prefácio da obra de (Dolabela, 2003).

A “Teoria Empreendedora dos Sonhos” apresentada pelo autor sugere que basta que a pessoa tenha um sonho, não interessa qual seja, para que possa realizá-lo. É nesta premissa idealista de que as coisas acontecem primeiro no mundo das ideias e não somente das necessidades materiais. O autor divide o sonho em duas partes: Sonho Estruturante e Sonho Periférico.

O sonho estruturante é apresentado como aquele capaz de conduzir o sujeito à autorrealização, independentemente da sua condição social. Aqui o sonho é entendido como “um atributo da natureza humana”, que passa a assumir um “caráter estruturante quando contém energia para impulsionar o indivíduo a realizá-lo” (DOLABELA, 2003, p. 39).

O sonho periférico é visto como aquele que não é capaz de fundamentar um projeto de vida ou de gerar a autorrealização. O autor entende como periféricos todos os sonhos que incluem “desejos, fantasias, vontades, caprichos, aspirações de outra dimensão que compõem o mundo humano do para real (não ação)” e que, embora cumpram um papel essencial nas relações do sujeito consigo mesmo e com o outro, se limitam ao campo da psique, não desempenhando grande papel no campo da vida material.

Para Paulo Freire, o sonho é:

“(…) para mim, é impossível existir sem sonho. A questão que se coloca é, em primeiro lugar saber se o sonho é historicamente viável. Segundo, se a viabilidade do sonho demanda um pedaço de tempo e de espaço a caminhar. Terceiro, se demanda um espaço longo para caminhar e viabilizar, é o caso de se aprender como caminhar e, em caminhando, reaprender inclusive a realizar o sonho, quer dizer, buscar os caminhos do sonho.” (FREIRE & BETO, 2000)

O processo de sonhar e tentar realizar o sonho produz energia (emoção) que leva à ação. Essa energia vem da emoção sendo capaz de produzir mudanças que levam a pessoa até a concretização do sonho, ou seja, quanto mais tempo e energia se despende, durante o processo, maiores serão os benefícios, pois as diretrizes que possivelmente serão desenvolvidas gerarão motivação e energia naqueles que o cercam.

O empreendedor é uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios. Um empreendedor, que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objetivam a inovação, continuará a desempenhar um papel empreendedor (FILION, 1997, p.19).

Apartir dessas colocações sobre a forma como a energia empreendedora pode ser despertada nas pessoas, em um ambiente que estimule a competição por sonhos, nos indivíduos e na organização, com conceitos baseados em estratégias e na visão de futuro, onde os envolvidos possam perceber de forma excitante e satisfatória para cada um e para o coletivo.

Para Dolabela (2003), o sonho do empreendedor coletivo é promover o bem estar da coletividade e cujo trabalho consiste em levar a comunidade a desenvolver sua capacidade de sonhar e de realizar seu sonho, pois a construção e a busca do sonho coletivo é tarefa de todos os integrantes de uma comunidade. Este deve ser inspirado, espelhado, copiado de outros sonhos.

Seguindo Dolabela (2003 p.53), o empreendedor coletivo desenvolve várias ações que têm por objetivo:

- Sensibilizar as diversas forças da comunidade para a necessidade da cooperação e induzi-las à sua prática;
- Construir as condições para a percepção da identidade comunitária como fonte de solidariedade e energia para a construção de melhores condições de vida para todos;
- Estimular a criação de um lócus de discussão em que seja possível formular discutir democraticamente os principais problemas e desejos da comunidade;
- Criar condições para que a comunidade selecione indicadores e construa bases de dados e critérios para a avaliação objetiva de seus principais problemas;
- Estimular a construção de uma agenda local com prioridades definidas pela comunidade (sonho coletivo);
- Criar meios para a elaboração de projetos e estratégias para a solução dos problemas (busca da realização do sonho);
- Construir processos de cooperação dentro e fora da comunidade para a realização do sonho coletivo.

Ao identificarmos o sonho como individual ou coletivo, percebe-se que o empreendedor é alguém capaz de desenvolver sonhos que o empreendedor é alguém capaz de desenvolver sonhos que: Tenham congruência com o seu

eu; que produzam valores úteis à comunidade; que sejam capazes de produzir emoções sob a forma de energia em intensidade suficiente para impelir a sua realização através da cooperação, visando o desenvolvimento sustentável. Para Dolabela (2003, p. 24),

O espírito empreendedor é um potencial de qualquer ser humano e necessita de algumas condições indispensáveis para se materializar e produzir efeitos. Entre essas condições estão, no ambiente macro, a democracia, a cooperação e a estrutura de poder tendendo para a forma de rede. Sem tais “aminoácidos”, formadores de capital social, há pouco espaço para o afloramento do espírito empreendedor, que é um dos componentes do capital humano. Dolabela (2003, p. 24),

Dolabela (2008 p. 49) relaciona o desenvolvimento sustentável ao aumento quatro tipos de capital: capital humano, social, empresarial e natural.

O capital humano: diz respeito ao desenvolvimento das potencialidades humanas. Significa a capacidade de gerar conhecimento, inovar, transformar conhecimento em riqueza. Sob o ponto de vista social ele é alimentado por condições adequadas de saúde, alimentação, educação, pesquisa científica, cultura, lazer etc.

O capital social: é a capacidade apresentada pelos membros de uma comunidade de se associar e organizar em torno da solução de seus problemas e da construção de sua prosperidade social e econômica. É o elemento formador do sonho coletivo e supõe cooperação, onde o bem coletivo poderá ser colocado acima das divergências causadas por vontades individuais conflitantes.

O sonho de desenvolvimento da comunidade libera emoções coletivas que fazem transbordar os elementos como criatividade, perseverança, paixão, identificação e objetividade na busca de oportunidades comunitárias.

O capital empresarial: é a capacidade da organização produtiva para a geração de bens e serviços. Significa o domínio de como se processam os negócios, incluindo o *know-how* gerencial, conhecimento de mercados e estratégia de relacionamentos.

O capital natural: são as condições ambientais, físicas e territoriais como o sol, o mar, o clima, a paisagem, cuja utilização eficaz depende do volume disponível de capital humano e social. No âmbito da equipe de desenvolvimento isto significa fornecer ambiente e equipamentos adequados além das ferramentas necessárias para suportar o trabalho com qualidade e agilidade compatíveis com o capital humano e social da equipe. Para melhor definir a Pedagogia Empreendedora.

Dolabela conceitua como empreendedor, alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade e assim lança a ideia do sonho estruturante. Ao afirmar que a busca constante de realização do sonho como fonte de

geração e manutenção do nível emocional que dá ao indivíduo a capacidade de persistir e que possa continuar, apesar dos obstáculos, dos erros e resultados indesejáveis que encontrar.

Para a Pedagogia Empreendedora, a necessidade de conhecimento nasce da vontade inelutável de ter acesso aos elementos necessários à realização do sonho, enquanto que a atividade pedagógica vai se dedicar principalmente à conexão entre o sonho e sua realização. Segundo Dolabela (2003, p. 24),

O espírito empreendedor é um potencial de qualquer ser humano e necessita de algumas condições indispensáveis para se materializar e produzir efeitos. Entre essas condições estão, no ambiente macro, a democracia, a cooperação e a estrutura de poder tendendo para a forma de rede. Sem tais “aminoácidos”, formadores de capital social, há pouco espaço para o afloramento do espírito empreendedor, que é um dos componentes do capital humano.

Todos os homens sonham, mas não da mesma maneira (...) Perigosos são os homens que sonham de dia, porque são capazes de viver seus sonhos de olhos abertos, dispostos a torná-los realidade.” T.E. Lawrence (Lawrence da Arábia) in Dolabela p. 55. Que tal sonharmos com uma Sociedade Empreendedora, onde todos sonhem o sonho empreendedor coletivo.

Para Dolabela (2003), a Pedagogia Empreendedora é uma estratégia didática destinada a levar o indivíduo, a escalar graus crescentes de liberdade, para que este possa fazer a sua escolha, e, quando a criança formula seu sonho e tenta transformá-lo em realidade, assume o controle de todo o processo e suas consequências, analisando a viabilidade do sonho e sua capacidade de gerar autorrealização.

Desta maneira, a criança ou a pessoa que está fazendo arte desta proposta, assume o controle e a responsabilidade, em graus compatíveis com seu grau de maturidade, por meio de exercícios que a acompanham, conforme o nível em que se encontra.

Para implementar a Pedagogia Empreendedora na escola, é necessário que todos os educadores sejam capacitados e treinados por meio de cursos e que os profissionais conheçam a metodologia.

De acordo com Dolabela, o aprendizado empreendedor é um processo permanente, que se altera durante toda a sua existência de vida, sendo que cada dia, é uma nova experiência, é um resultado novo, que poderá influenciar na transformação do sonho, exigindo uma busca da realização e dos elementos de suporte.

O objetivo do sonho é algo que se transforma na ação e está inserido em uma realidade que sofre constantes transformações, exigindo, portanto, um aprendizado que começa a cada dia.

Quando Dolabela e Freire, autores que de formas diferentes, mas não antagonicas, tratam o sonho como elemento fundamental na formação do indivíduo, mas de forma crítica, consciente, humanizada, demonstra-se que não são abordagens ingênuas desses autores em relação ao sonho, mas o sonho a que se refere Dolabela está relacionado à concepção de futuro, de forte desejo. Para ele, o empreendedor é alguém que sonha e busca transformar o seu sonho em realidade, Dolabela (2003) e, a partir disso, gerar e distribuir riquezas.

À luz da estratégia pedagógica proposta, a primeira tarefa da escola e do professor será a de criar um ambiente em que capacite o aluno de aprender e a exercitar seus objetivos em busca de seus desejos. Se a fonte de aprendizado é o mundo, a escola deverá aceitar essa disseminação e trazer a comunidade para dentro da sala de aula, derrubando muros.

Muros esses que, na metáfora, referem-se a todos os limites de impostos ao aprendizado, criando barreiras educacionais ou sociais. Neste sentido, é inteiramente válido dizer que, igualmente, o professor se propõe a ser empreendedor em sala de aula, porque estará diante da tarefa de motivar seus alunos na busca de informações, de suporte para seus objetivos e sonhos, desenvolvendo o potencial de cada sonho, levando em conta a natureza peculiar e a visão de mundo que cada criança, jovem ou adulto irá desenvolver.

Conforme Dolabela (2003, p.31):

A Pedagogia Empreendedora baseia-se no entendimento de que o empreendedorismo, pelo seu potencial como força importante na eliminação da miséria e na diminuição da distância entre ricos e pobres, tem como tema central o desenvolvimento humano, social e econômico sustentável.

Para haver uma educação empreendedora, que resulte em benefícios sociais, é necessário desenvolver um trabalho que mostre ao indivíduo sua capacidade de gerar capital social.

Nesse aspecto é explícito, durante toda a reflexão que em ambos os discursos, especialmente no de Dolabela (2003, p.38), refere-se ao ser empreendedor como uma forma de ser, ou seja, será empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade.

SUGESTÃO DE PESQUISA:

<http://www.youtube.com/watch?v=Xx4W-cipvG4>

<http://www.youtube.com/watch?v=lCuVKyiMT0c>

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394**. República Federativa do Brasil, Ministério da Educação e Cultura. Aprovada em 20 de dezembro de 1996.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura, 1999.

_____. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Editora Cultura, 2003.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DRUCKER, P. **Inovação e espírito empreendedor** (entrepreneurship): prática e princípios Tradução de Carlos Malferrari. São Paulo: Pioneira Thompson, 1986.

FILION, L. J. “Carreiras Empreendedoras do Futuro”. **Revista Sebrae**. São Paulo.2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa: Editora Paz e Terra, São Paulo, 1996.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**: Editora UNESP, São Paulo, 2001.

Freire, P. & Betto, F. **Essa escola chamada vida**. São Paulo: Ática. 2000.

LOPES, Rose Mary A.. **Educação empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. São Paulo: Elsevier, 2010.

SEBRAE. Educação – Sebrae – Introdução. 2005. Disponível em <http://educacao.sebrae.com.br/pportal.asp?nPortalID=1&nHierarquiaID=200>.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SMITH, Adam. **Uma investigação sobre a natureza e causa da riqueza das nações**. Livro 1. São Paulo : Hemus, 1981.

